
Jornalismo Investigativo e Ficção Policial: Técnicas Narrativas em Histórias de Crime¹

João de ASSIS²

Luciane RESENDE³

Juliana CANTUÁRIA⁴

Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O jornalismo investigativo e a ficção policial compartilham estratégias narrativas, apesar de seus objetivos distintos. O jornalismo investigativo enfrenta o desafio de construir narrativas de crimes de forma ética, equilibrando a precisão com o interesse público. Por outro lado, as histórias de crime na ficção precisam ser construídas de forma atrativa e coesa. O objetivo geral deste trabalho é analisar e comparar as técnicas narrativas em ambos os estilos, explorando a interseção entre realidade e ficção na narrativa de crimes e contribuindo para o entendimento do papel das técnicas narrativas na mediação de temas complexos junto ao público. Metodologicamente, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, o estudo de caso e a análise de conteúdo, com abordagem comparativa entre obras literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Leitor; Ficção, Linguagem, Jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo investigativo e a ficção policial, embora tenham propósitos distintos, compartilham estratégias narrativas semelhantes. Enquanto o jornalismo busca expor fatos ocultos por meio de uma apuração rigorosa e ética, a ficção policial tem como objetivo entreter, criando enredos envolventes e misteriosos. Ainda assim, ambos os gêneros recorrem a elementos como o suspense, a tensão e a revelação gradual de informações para capturar e manter o interesse do público.

Este estudo propõe uma análise comparativa entre reportagens investigativas e obras de ficção policial, com foco em como as narrativas de crime são construídas para

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ² Graduado no Curso de Jornalismo, e-mail: joao22augustor@gmail.com ³ Coautora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: lrsouza@unicarioca.edu.br ⁴ Coautora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: jcantuaria@unicarioca.edu.br

gerar impacto. A investigação parte da ideia de que tanto jornalistas quanto escritores exploram as motivações e consequências dos crimes como forma de conduzir suas histórias e provocar reflexão. Ao observar essas estratégias, torna-se possível compreender de que maneira os dois gêneros influenciam a percepção social sobre temas como justiça e criminalidade.

A pesquisa se estrutura a partir da comparação entre textos dos dois formatos, examinando aspectos como suspense, estrutura narrativa e momentos de revelação. Além disso, será feita uma revisão bibliográfica sobre as teorias do jornalismo e sua relação com a ficção, a fim de embasar teoricamente a análise. O objetivo central é entender como as técnicas narrativas afetam a forma como o público interpreta a verdade factual e a ficcional, e em que medida os limites entre jornalismo e literatura se tornam porosos na construção dessas narrativas.

2 A CONSTRUÇÃO NARRATIVA NO JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo desempenha um papel essencial na democracia ao expor crimes e irregularidades com precisão e responsabilidade ética, equilibrando o interesse público com o compromisso de relatar os fatos com veracidade. Segundo Linda Hutcheon (1947), o pós-modernismo desafia a separação entre verdade e ficção, o que reforça a importância de manter a integridade factual no jornalismo. Menezes e Stael (2012) destacam que essa vertente jornalística funciona como um Quarto Poder, fiscalizando autoridades e promovendo a transparência institucional. Para isso, a apuração exige rigor metodológico, partindo de hipóteses bem definidas (Burgh, 2008) e considerando a perspectiva narrativa do repórter (Fishman, 1980), sempre com o objetivo de organizar e apresentar os dados de forma clara e acessível, como defende Hunter (2013), a fim de garantir impacto e compreensão por parte do público.

A dramaticidade da estrutura narrativa é um elemento essencial para o engajamento do público. Como aponta Hunter (2013), a forma como a história é contada influencia diretamente sua recepção e impacto. O jornalista deve estruturar a sequência dos eventos de maneira coerente e cativante, garantindo que a informação seja não apenas precisa, mas também acessível. A conexão entre os dados coletados e a forma como são apresentados ao leitor determina o sucesso da reportagem investigativa. O processo

investigativo é descrito por Hunter (2013, p.39):

Descobrimos uma questão. Criamos uma hipótese para verificar. Buscamos dados de fontes abertas, para verificarmos a hipótese. Buscamos fontes humanas, para enriquecerem nossa compreensão. À medida que coletamos dados, nós os organizamos - para que seja mais fácil examiná-los, compô-los na forma de uma história, e conferir. Colocamos os dados em uma ordem narrativa e compomos. (HUNTER, 2013, p.39)

Dessa forma, o jornalista constrói a história baseada em evidências verificadas, estruturando o relato de maneira a proporcionar uma compreensão aprofundada dos fatos. Esse processo assegura que a reportagem cumpra seu papel informativo e contribua para o exercício da cidadania por meio da disseminação do conhecimento.

O jornalista, ao basear-se em evidências verificadas, estrutura a narrativa de forma a aprofundar a compreensão dos fatos e fortalecer o papel informativo da reportagem, essencial para o exercício da cidadania. Caco Barcellos (1992) exemplifica essa prática em *Rota 66: A História da Polícia que Mata*, ao unir investigação rigorosa com recursos do "Novo Jornalismo", criando uma narrativa envolvente sobre a violência policial no Brasil.

3 NOVO JORNALISMO: FICÇÃO NÃO FICCIONAL

O Novo Jornalismo surgiu nos Estados Unidos na década de 1960 como uma abordagem inovadora que combinava técnicas literárias à reportagem tradicional, sendo consolidado por Tom Wolfe em 1973. Esse movimento propunha uma narrativa mais envolvente e detalhada, fruto da imersão do repórter na realidade investigada. Embora utilizasse recursos típicos da ficção, seu compromisso era com a verdade factual, como destaca Talese (2004). Obras como *Rota 66*, de Caco Barcellos, ilustram bem esse estilo, marcado por uma apuração longa e minuciosa. Conforme Barthes (2003), a narrativa está presente em diversos gêneros, e no contexto do Novo Jornalismo, ela se torna central ao proporcionar uma experiência sensorial e profunda ao leitor, rompendo com a rigidez do jornalismo tradicional e valorizando o papel do autor como sujeito ativo na construção do texto.

Entre as principais características do Novo Jornalismo estão a fidelidade aos

diálogos, a construção precisa de cenas e a presença da subjetividade do repórter, que, longe de comprometer a objetividade, enriquece a verossimilhança e amplia a compreensão dos fatos. Essa subjetividade rompe com a impessoalidade do jornalismo convencional, evidenciando a influência literária na forma de narrar. A relação entre literatura e jornalismo, no entanto, não é nova: já no século XIX, o folhetim utilizava recursos narrativos para atrair leitores. Autores como: Pena (2006) e Boynton (2005) defendem que o jornalista literário deve prezar pelo valor estético do texto, lançando mão de técnicas estilísticas e se envolvendo profundamente na realidade investigada. Esse mergulho intenso — o *close-to-the-skin reporting* — transforma o repórter em parte da história, promovendo uma conexão mais autêntica entre o público e os acontecimentos narrados.

4 ELEMENTOS NARRATIVOS NA FICÇÃO POLICIAL

A construção narrativa das histórias de crime na ficção policial é um campo de estudo que envolve diversas abordagens teóricas. A estruturação de enredos no gênero policial, onde o mistério e a investigação são os principais motores da trama. A organização dos eventos e a forma como são revelados ao público impactam diretamente no engajamento e na recepção da história. Na visão de Aristóteles (1987, p. 206 [Cap. VI, §32]):

[...] o elemento mais importante é a trama dos fatos, pois a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade [e infelicidade; mas felicidade] ou infelicidade, reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Ora, os homens possuem tal ou tal qualidade conformemente ao caráter, mas são bem ou mal-aventurados pelas ações que praticam. Daqui se segue que, na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações; por isso as ações e o mito constituem a finalidade da tragédia, e a finalidade é de tudo o que mais importa” (Aristóteles, 1987, p. 206 [Cap. VI, §32]).

A visão sistêmica da vida, conforme proposta por Fritjof Capra (2014) enriquece a compreensão das narrativas policiais ao destacar a interconexão entre os elementos que compõem uma história. Ao substituir a visão mecanicista por uma abordagem sistêmica, a ficção policial passa a ser interpretada não como uma sequência linear de eventos, mas como uma rede complexa de ações, motivações e consequências. Essa visão amplia a

percepção da dinâmica presente nas histórias de crime, nas quais múltiplos fatores atuam simultaneamente na construção e na resolução do mistério. Nesse contexto, a teoria dos fractais de Benoît Mandelbrot (1982) contribui ao mostrar como padrões narrativos podem se repetir em diferentes escalas, tornando a trama mais coesa e intrigante — como ocorre, por exemplo, em séries policiais nas quais o episódio piloto apresenta o conflito principal que se desdobra em tramas paralelas e no desenvolvimento dos personagens.

Complementando essa abordagem, a análise dramatúrgica de David Ball (1983), em *Backwards & Forwards*, propõe um método eficaz para compreender a progressão narrativa ao observar os acontecimentos retrospectivamente, identificando como cada ação influencia os desdobramentos seguintes. Para Ball (1983), ação é um evento físico e observável, o que destaca a importância dos momentos de tensão e revelação característicos do gênero policial. Essa definição reforça o papel decisivo das ações dos personagens — não apenas como elementos narrativos, mas como forças que afetam o ambiente e os demais envolvidos na trama. Assim, a combinação entre visão sistêmica, estrutura fractal e análise dramatúrgica oferece uma abordagem integrada e profunda para a construção e interpretação de histórias de crime.

Os mitos universais, conforme explorados por Carl Jung (2014) e Joseph Campbell (1988), exercem grande influência sobre a ficção policial ao fornecerem arquétipos que moldam personagens e conflitos de maneira simbólica e atemporal. O detetive, por exemplo, pode ser interpretado como o herói arquetípico em busca da verdade, enfrentando provas, desvendando segredos e restaurando a ordem. Essa estrutura mítica reforça a familiaridade e o impacto emocional das histórias de crime, criando um elo profundo entre o público e a narrativa. Além disso, elementos como a jornada do herói ajudam a estruturar tramas com forte carga simbólica, que ressoam com o inconsciente coletivo.

Complementando essa dimensão simbólica, aspectos da psicanálise também contribuem para a complexidade da ficção policial. A pulsão de morte, conceito introduzido por Freud (1914), pode estar presente nas motivações ocultas dos personagens, manifestando-se em comportamentos autodestrutivos ou violentos tanto em criminosos quanto em investigadores. Esse conflito inconsciente intensifica a tensão narrativa, criando camadas psicológicas densas. Um exemplo contemporâneo é o trabalho de Raphael Montes (2014), que em *Dias Perfeitos* constrói uma narrativa intensa e

perturbadora, explorando não apenas o suspense, mas também aspectos psicológicos e sociais do Brasil. Sua obra exemplifica como técnicas narrativas podem ser usadas para provocar o leitor e revelar os limites tênues entre o bem, o mal e o desejo humano.

5 ESTUDO DE CASO: TÉCNICAS NARRATIVAS EM "ROTA 66"

O livro *Rota 66* (1992), de Caco Barcellos, é um exemplo notável de jornalismo literário no Brasil, ao adotar técnicas do Novo Jornalismo que mesclam recursos narrativos da literatura com a apuração jornalística, conferindo à obra um ritmo semelhante ao de um romance policial. Entre as marcas mais evidentes desse estilo estão a descrição minuciosa de cenas e personagens e o uso de diálogos reais, que recriam episódios de violência policial com riqueza de detalhes e aproximam o leitor da complexidade dos acontecimentos, tornando a leitura instigante mesmo diante de temas duros como a violência e a impunidade. Este trecho do livro exemplifica bem como a história era contada com riqueza de detalhes:

“Dez minutos depois, Guazelli é o primeiro a tentar identificar os corpos no Instituto Médico Legal. Ao avançar pelos corredores gelados está nervoso e abatido, mas ainda tem esperança dos mortos não serem seus amigos. Na grande sala das geladeiras, a primeira imagem que ele vê é o corpo de uma senhora de cerca de 70 anos.”(Barcellos, 1992, p.60)

A estrutura fragmentada de *Rota 66*, que alterna entre casos, tempos e perspectivas, contribui para a intensidade da leitura ao refletir o caráter investigativo da obra e manter um suspense constante, como um quebra-cabeça que se revela aos poucos. Além disso, Caco Barcellos (1992) intercala relatos com dados, estatísticas e documentos oficiais, contextualizando os episódios em um padrão mais amplo de violência policial, o que reforça a credibilidade da narrativa e sustenta a denúncia com base concreta, evitando o sensacionalismo. Neste trecho os números embasam as investigações do jornalista:

“Do total de 4.179 vítimas identificadas, obtivemos informações sobre a cor da pele de 3.944: 1.932 eram brancas e 2.012 negras e pardas. A maioria de 51 por cento por si só já demonstra o preconceito contra as pessoas de raça negra e parda. Isso fica ainda mais claro se fizermos um confronto com os dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sobre a população do município de São Paulo.” (Barcellos, 1992, p.288/289)

Em *Rota 66*, Caco Barcellos (1992) vai além da exposição de números ao conferir às vítimas identidade, história e humanidade, despertando empatia e revelando o impacto

real das mortes causadas por grupos de extermínio ligados à polícia. Ao humanizar os mortos e apresentar provas, testemunhos e documentos com rigor investigativo, o autor adota um tom crítico e sóbrio, evitando exageros e fortalecendo a credibilidade de sua denúncia. Mais do que relatar crimes, a obra questiona profundamente o funcionamento das instituições de segurança pública e a impunidade estatal, apontando para a necessidade de reformas estruturais. Combinando técnicas do jornalismo e da literatura, Barcellos constrói uma narrativa poderosa, que informa, emociona e instiga o leitor a refletir sobre justiça, verdade e responsabilidade institucional.

6 ESTUDO DE CASO: RECURSOS NARRATIVOS EM "DIAS PERFEITOS"

No romance *Dias Perfeitos* (2014), Raphael Montes utiliza recursos narrativos que intensificam o caráter perturbador do thriller psicológico, destacando-se a focalização interna em terceira pessoa centrada no protagonista Téo, o que permite ao leitor acessar seus pensamentos mais íntimos e compreender suas justificativas distorcidas, mesmo diante de atitudes violentas, gerando uma imersão desconcertante na lógica doentia do personagem e contribuindo para a tensão crescente ao longo da narrativa. Este trecho do livro representa essa perspectiva:

“O luto era exagerado. Bastava comprar outro cachorro. Às vezes, ela parecia esquecer que não tinha a mesma vida de antes. Saber que a causa da morte era um gasto inútil e só traria problemas. Téo não acreditava que era responsável por aquela morte, mas a possibilidade de que o exame cadavérico indicasse a presença de comprimidos no estômago do golden o preocupava.” (Montes, 2014, p.40)

A construção do protagonista em *Dias Perfeitos* reflete arquétipos mitológicos, como discutidos por Jung (2014) e Joseph Campbell (1988). Téo é delineado como uma figura sombria e perturbadora, um anti-herói cuja frieza, racionalidade extrema e ausência de empatia o distanciam da normalidade. O escritor constrói essa psicopatia de forma gradual, revelando camadas cada vez mais obscuras do personagem, destacando sua desconexão com a realidade. Dessa forma, o personagem é retratado no arquetípico do vilão ou da sombra — conceitos de Jung (2014) que representam o lado oculto e reprimido da psique humana.

Na obra de Raphael Montes (2014), o uso do espaço como elemento psicológico

está profundamente ligado à pulsão de morte, conceito de Freud (1914) que aponta para um impulso inconsciente de autodestruição e conflito. Os cenários refletem os estados internos dos personagens, como o apartamento de Téo, cuja rigidez simboliza repressão e o início de sua decadência moral, enquanto o sítio onde mantém Clarice em cativeiro expressa tanto o confinamento físico quanto o aprisionamento psíquico, revelando a força destrutiva que guia suas ações. A narrativa é marcada por suspense, reviravoltas e falsas promessas de fuga, que são constantemente frustradas pela manipulação implacável de Téo. A escrita seca e crua de Montes acentua o tom sombrio da história, eliminando qualquer traço de sentimentalismo e mantendo o leitor em permanente desconforto, mesmo nos momentos de aparente calma, o que reforça a tensão psicológica e a intensidade emocional da trama.

A combinação de elementos narrativos em "*Dias Perfeitos*" cria uma atmosfera de tensão e instabilidade emocional, com uma perspectiva narrativa precisa, um protagonista psicologicamente instável, o uso simbólico dos espaços e uma estrutura cheia de reviravoltas, proporcionando uma leitura intensa. Essa construção, típica de thrillers psicológicos, pode ser entendida à luz da teoria dos fractais de Benoît Mandelbrot (1982), que sugere a repetição de padrões em diferentes escalas. Raphael Montes (2014) se destaca ao dominar esses recursos, conduzindo o leitor por uma jornada inquietante que provoca reflexões sobre controle, obsessão e moralidade, deixando marcas duradouras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras *Rota 66* (BARCELLOS, 1992) e *Dias Perfeitos* (MONTES, 2014) exploram o universo do crime sob abordagens distintas, uma pelo jornalismo investigativo, outra pela ficção policial, mas ambas compartilham o uso de estratégias narrativas que mantêm o suspense e envolvem emocionalmente o leitor. A análise comparativa entre os dois livros evidencia como suas estruturas narrativas, ainda que diferentes, afetam a credibilidade e a intensidade emocional das histórias. Enquanto Barcellos se ancora na apuração rigorosa e na denúncia documental, Montes conduz o leitor por uma trama psicológica repleta de manipulação e surpresas.

A estrutura narrativa e o uso do suspense revelam contrastes importantes entre as

obras. A obra de Caco Barcellos (1992) apresenta uma construção não linear, alternando entre casos e tempos distintos, o que contribui para uma visão mais ampla e crítica da violência policial. Já *Dias Perfeitos* segue uma trajetória mais linear, típica dos thrillers psicológicos, em que as reviravoltas mantêm a tensão crescente. Barcellos constrói sua credibilidade por meio de dados, testemunhos e documentos, enquanto Montes aposta no choque e na imprevisibilidade para gerar impacto emocional. As vozes narrativas também se distanciam: em *Rota 66*, a narração impessoal reforça a objetividade jornalística; em *Dias Perfeitos*, a focalização interna no protagonista conduz o leitor ao interior perturbador de sua mente, intensificando o desconforto e a tensão.

Outros elementos narrativos reforçam essas diferenças, como o uso dos diálogos e o tratamento da linguagem. Em *Rota 66*, os diálogos contribuem para humanizar as vítimas e testemunhas, adicionando autenticidade à denúncia. Em contraste, em *Dias Perfeitos*, os diálogos são instrumentos de manipulação e distorção da realidade, revelando a psicopatia do personagem principal. Enquanto Barcellos utiliza dados e estatísticas para contextualizar a violência sistêmica, Montes (2014) recorre a uma escrita objetiva e fria, que acentua a brutalidade da narrativa. Apesar das diferenças de estilo e finalidade, ambas as obras utilizam o suspense com eficácia para provocar reflexões profundas e emoções intensas no leitor.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: Aristóteles; Horácio; Longino. A poética clássica. Trad. de Jaime Bruna. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 17-52. Poética. Ética a Nicômaco; Poética. Trad. de Eudoro de Souza. (Col. Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 197-229.

BALL, David. Backwards & Forwards: A Technical Manual for Reading Plays. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1983.

BARCELLOS, Caco. Rota 66: a história da polícia que mata. São Paulo: Editora Globo, 1992.

BARTHES, R. Mitologias. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

BOYNTON, Robert. The new new Journalism. New York: Vintage Books, 2005.

BURGH, Hugo De. Jornalismo Investigativo: Contexto e Prática. São Paulo: Roca, 2008.

CAMPBELL, Joseph. The Power of Myth. Nova Iorque: Doubleday, 1988.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. *A Visão Sistêmica da Vida: uma Concepção Unificada e Suas Implicações Filosóficas, Políticas, Sociais e Econômicas*. Nova Iorque: Cultrix, 2014.

FISHMAN, Mark. *Manufacturing the News*. Austin: University of Texas Press, 1980.

FREUD, Sigmund. “As pulsões e seus destinos.” In J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. 2006 (Originalmente publicado em 1915).

HUNTER, Mark Lee et al. *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. UNESCO, 2013.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

JUNG, G, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* Vol. 9/1. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MANDELBROT, Benoit. *A Geometria Fractal da Natureza*. São Francisco: W. H. Freeman, 1982.

MENEZES, Paloma; STAEL, Livia. *Jornalismo Investigativo*. In: PENA, Felipe. *1000 perguntas sobre Jornalismo*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda. Cap.18, p. 209-220.